



# BOLETIM

---

# GEOCORRENTE

ANO 6 • Nº 113 • 02 DE ABRIL DE 2020

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção "Temas Especiais".

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

## **NORMAS DE PUBLICAÇÃO**

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

## **CORRESPONDÊNCIA**

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na home page da EGN:

<[https://www.marinha.mil.br/egn/boletim\\_geocorrente](https://www.marinha.mil.br/egn/boletim_geocorrente)>



**DIRETOR DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL**  
CONTRA-ALMIRANTE Paulo César Bittencourt Ferreira

**SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS  
GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL**  
CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E  
SILVA

**CONSELHO EDITORIAL**  
**EDITOR RESPONSÁVEL**  
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

**EDITOR CIENTÍFICO**  
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

**EDITORES ADJUNTOS**  
1º TENENTE (RM2-T) JANSEN COLI CALIL N. ALMEIDA DE OLIVEIRA (EGN)  
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)  
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)  
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

**DESIGN GRÁFICO**  
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

**DIAGRAMAÇÃO**  
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

## PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

### ÁFRICA SUBSAARIANA

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)  
FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)  
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)  
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)  
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

### AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)  
ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)  
CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-Rio)  
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)  
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-Rio)  
VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

### EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)  
GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)  
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)  
MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)  
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)  
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

### ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)  
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)  
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)  
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)  
SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

### SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)  
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)  
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

### TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)  
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

### AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHES)  
BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)  
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)  
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)  
JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)  
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

### ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)  
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)  
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)  
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)  
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

### LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)  
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)  
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)  
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)  
VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

### RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)  
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)  
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)  
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

### SUL DA ÁSIA

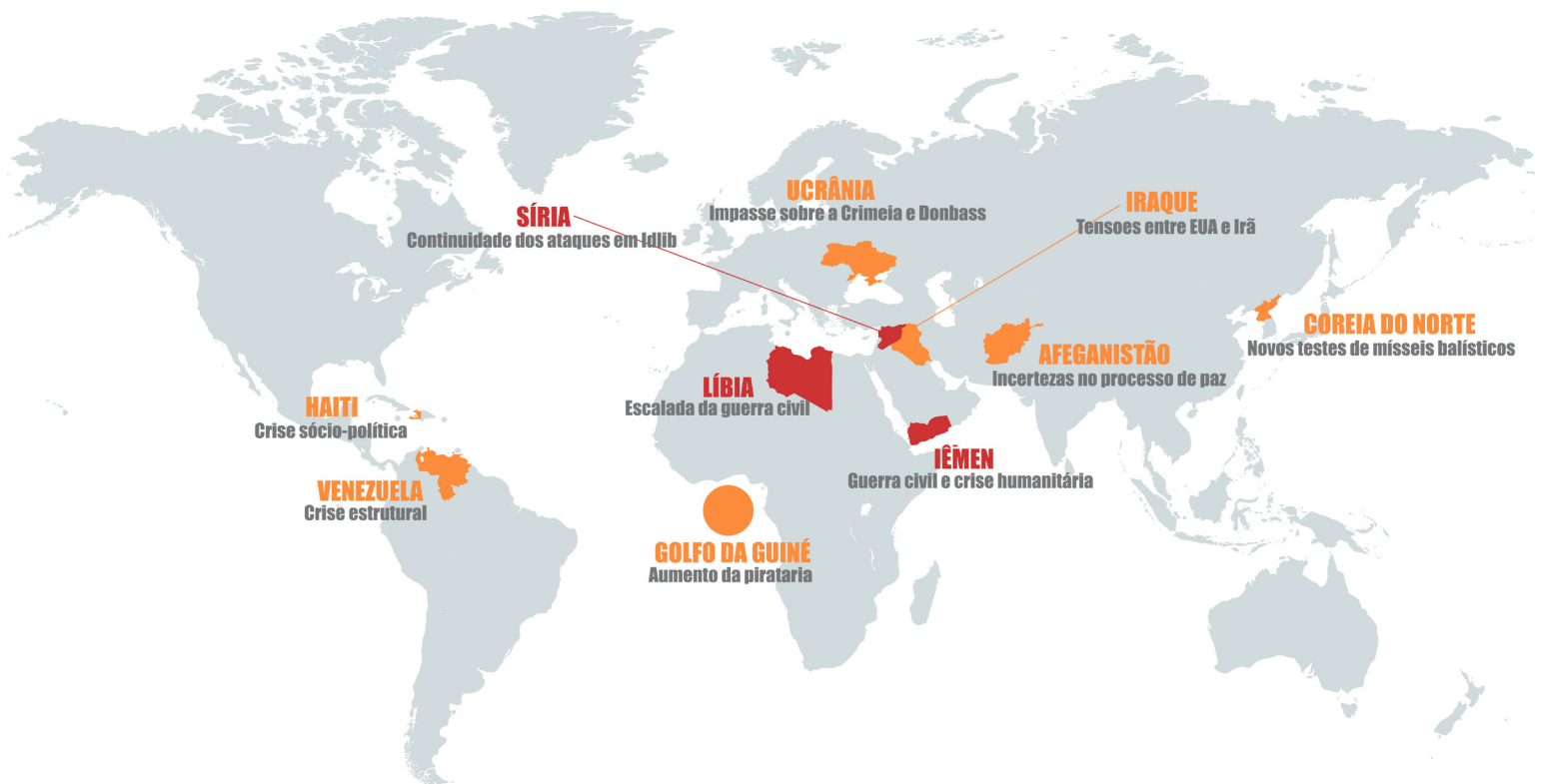
JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)  
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)  
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

# ÍNDICE

<p><b>AMÉRICA DO SUL</b></p> <p>Política externa argentina e o pleito de soberania ultramarina .....5</p>	<p><b>LESTE ASIÁTICO</b></p> <p>Lançamento do Contratorpedeiro SS Maya e a indústria bélica japonesa ..... 10</p> <p>Exercícios de guerra antissubmarino no Mar do Sul da China ..... 11</p>
<p><b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b></p> <p>A recapitalização da Guarda Costeira estadunidense.....5</p>	<p><b>SUL DA ÁSIA</b></p> <p>Índia e França realizam exercício naval conjunto no Oceano Índico ..... 11</p>
<p><b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b></p> <p>Cabos submarinos: a comunicação como estratégia na África.....6</p> <p>Economia sul-africana: entre apagões, recessões e a COVID-19 .....7</p>	<p><b>SUDESTE ASIÁTICO &amp; OCEANIA</b></p> <p>Indonésia e o futuro energético sustentável ..... 12</p>
<p><b>EUROPA</b></p> <p>Itália e Espanha sofrem enquanto a União Europeia vacila.....7</p>	<p><b>ÁRTICO &amp; ANTÁRTICA</b></p> <p>Antártica, duplamente livre e vulnerável à COVID19 ..... 13</p>
<p><b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b></p> <p>A pirataria no Estreito de Ormuz e as implicações para o mercado global .....8</p> <p>A agonizante posição do Iraque frente às agressões entre EUA e Irã .....8</p>	<p><b>TEMAS ESPECIAIS</b></p> <p>Impactos do novo Coronavírus no comércio marítimo global ..... 14</p>
<p><b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b></p> <p>Bangladesh e a cooperação nuclear com a Rússia .....9</p> <p>O setor espacial russo em 2020: desafios comerciais e potencial estratégico .... 10</p>	<p>Artigos Seleccionados &amp; Notícias de Defesa..... 14</p> <p>Calendário Geocorrente..... 14</p> <p>Referências..... 15</p> <p>Mapa de Riscos..... 16</p>

## 10 PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Sem considerar a pandemia de COVID-19



Alto Risco

Médio Risco

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 17.

# ACOMPANHAMENTO COVID-19

## OS 10 PAÍSES COM MAIOR NÚMERO DE CASOS

Dados segundo o "Situation report – 72", da OMS, publicado no dia 01 de abril de 2020.



Fonte: Organização Mundial da Saúde

ACOMPANHAMENTO DOS PAÍSES				
País	Número total de casos	Novos casos (últimas 24h)	Número de mortes registradas	População (2018)
ESTADOS UNIDOS	163.199	22.559	2.850	327.167.000
ITÁLIA	105.792	4.053	12.430	60.431.000
ESPANHA	94.417	9.222	8.189	46.723.000
CHINA	82.631	86	3.321	1.392.000.000
ALEMANHA	67.366	5.453	732	82.927.000
FRANÇA	51.477	7.500	3.514	66.987.000
IRÃ	44.606	3.111	2.898	81.800.000
REINO UNIDO	25.154	3.009	1.789	66.488.000
SUÍÇA	16.108	696	373	8.516.000
TURQUIA	13.531	2.704	214	82.319.000

Fontes: Organização Mundial da Saúde; Banco Mundial

## Política externa argentina e o pleito de soberania ultramarina

Carlos Henrique Ferreira

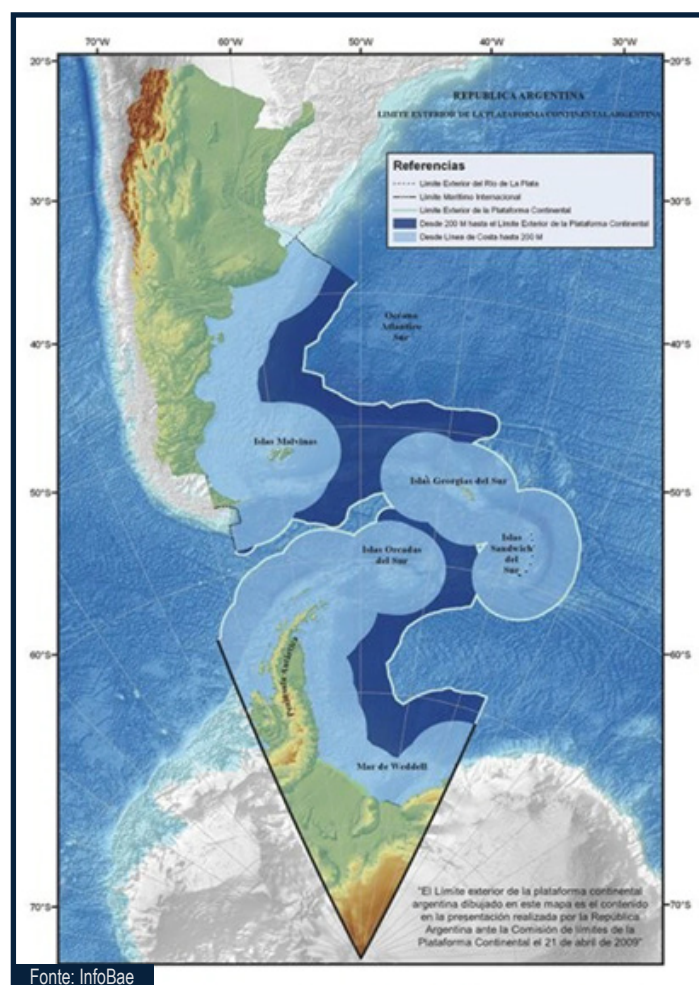
Em março de 2020, o discurso do presidente Alberto Fernández no Congresso argentino conferiu força a um pleito histórico. O atual presidente anunciou três projetos de lei para reforçar o engajamento da política externa na soberania dos territórios ultramarinos: a criação do Conselho Nacional das Ilhas Malvinas, Geórgia do Sul, Sanduíche do Sul e Assuntos Marítimos Correspondentes, a nova demarcação do limite externo da Plataforma Continental argentina, e a modificação do Regime Federal de Pesca.

Somou-se à proposta do novo Conselho Nacional a convocação de retorno, em janeiro de 2020, de dois dos diplomatas que estavam envolvidos na construção e na implantação do Comunicado Foradori-Duncan ([Boletim 106](#)), como uma mensagem da postura de revisão do acordo. Para as demais propostas, Fernández contará com o primeiro dos quatro Navios de Patrulha Oceânica classe *Gowind* (corvetas francesas), adquiridas pelo seu predecessor. Assim, aumentarão os recursos para a proteção da sua Plataforma Continental que, por aprovação da ONU, passará das 200 para 350 milhas náuticas, e incluirá também a zona marítima dos territórios em disputa com o Reino Unido, mas sem exercer direitos sobre as ilhas administradas pelos ingleses ([Boletim 31](#)).

O segundo e o terceiro projetos de Fernández tocarão, também, na questão econômica das regiões, onde cada uma se organiza de maneira própria. O governo das Ilhas Malvinas concede permissões para barcos estrangeiros explorarem os recursos marítimos da região, contudo, dado o reconhecimento da extensão da área marítima argentina, essa exploração é vista como ilegal. Estima-se que a consequência da pesca ilegal represente uma perda de US\$ 14 bilhões por ano para a Argentina, enquanto a mesma atividade corresponde a cerca de 40% do PIB das Ilhas Malvinas. Ademais, enquanto o governo da

ilha anunciou, em fevereiro de 2020, a construção de um novo porto em substituição ao atual, o governo argentino quer atualizar a multa para pesca ilegal, que permanece a mesma desde 1998, quando havia paridade de câmbio do peso argentino com o dólar estadunidense.

Diferente do seu antecessor, Fernández e seu gabinete usam do sentimento nacional direcionado à região, para manter a solidez da sua política externa para a soberania ultramarina, transformando-o em política de Estado.



## AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL

## A recapitalização da Guarda Costeira estadunidense

Jéssica Barreto

Em março de 2020, o Programa de Aeronaves Não Tripuladas (UAS, sigla em inglês) da Guarda Costeira dos Estados Unidos da América (EUA) teve a mudança de sua produção aprovada pelo diretor do escritório de aquisições responsável pelo programa. Assim, o programa, que inicialmente equiparia apenas três das novas *National Security Cutter* (NSC), agora teve autorização para equipar todas as NSC que estão operacionais.

Com contrato firmado em junho de 2018 à *INSITU inc.*, empresa que se voltou para o ramo militar no período da Guerra do Iraque, em 2003, e que é subsidiária da *Boeing* desde 2008, o programa de UAS consiste em aeronaves não tripuladas que aumentam a autonomia da Força e expandem sua consciência situacional marítima, aumentando a faixa de vigilância da Guarda Costeira. Esta aprovação tem como objetivo acelerar a entrega das embarcações NSC com essa capacidade, apresentando >>

uma estratégia agressiva, visando realizar todas as entregas até o fim de 2020.

A Guarda Costeira dos EUA é a principal força responsável pela segurança marítima e proteção dos portos e vias navegáveis do país. Dessa forma, é uma organização com ampla autoridade legal, sendo o único braço militar associado ao Departamento de Segurança Interna do país. Entretanto, apesar de possuir muitas embarcações, a maior parte desses ativos se encontra no fim de sua vida útil. Assim, uma das prioridades estratégicas da Força, ao lado de uma maior atuação na região dos Polos, é revitalizar seus meios de superfície, atualizando-os para as missões que lhe são incumbidas

no corrente século.

Outro exemplo dessa prioridade estratégica é o programa de NSCs, que está substituindo os navios tipo *High Embrance Cutters*, que estavam em operação desde os anos de 1960. O projeto prevê a construção de 11 embarcações capazes de patrulhar os mais exigentes ambientes marítimos e atuar como um centro de comando e controle para diversas missões. O nono NSC foi batizado no final de fevereiro de 2020 e tem sua entrega prevista para meados desse ano. Dos navios já entregues, cinco já se encontram completamente equipados com a capacidade UAS e os outros três estão em processo de construção, com previsão de entrega ainda em 2020.

## ÁFRICA SUBSAARIANA

### Cabos submarinos: a comunicação como estratégia na África

Bruno Gonçalves

Apesar de existirem há muitos anos, poucos conhecem a relevância dos cabos submarinos para o mundo globalizado. Atualmente, são responsáveis por mais de 99% da comunicação internacional. Por serem obras caras e estratégicas, têm como destaque o investimento e a segurança na pauta.

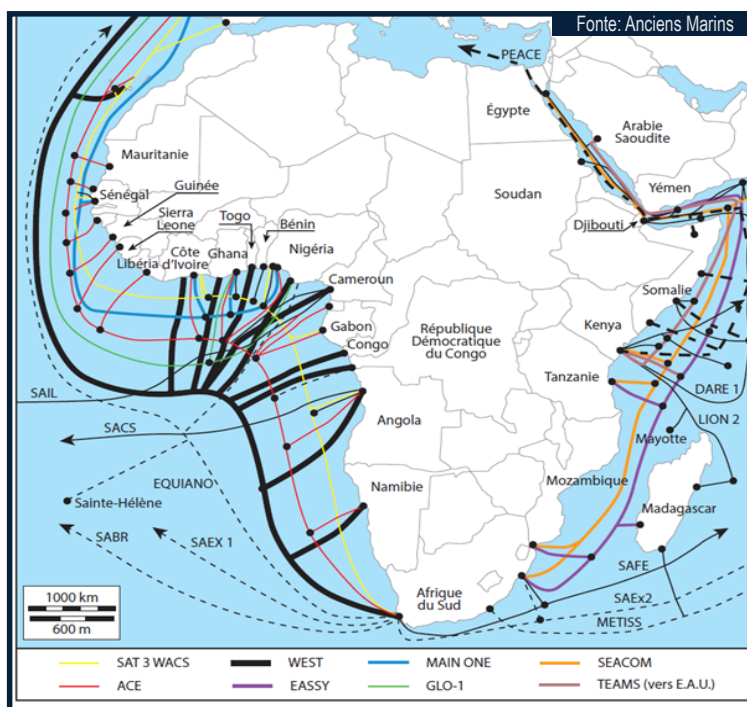
O crescimento econômico, populacional e de conectividade da África tem ampliado a aplicação de capital neste ramo no continente. Os principais fomentadores são o Banco Africano de Desenvolvimento e o Banco Mundial, que financiaram, respectivamente: a linha do sistema EASSy (*Eastern Africa Submarine System*), em 2010, que percorre toda costa oriental africana, da África do Sul ao Sudão; e o ACE (*Africa Coast to Europe*), em 2012, que vai da África do Sul até a França. Todavia, a complexidade dos empreendimentos, por vezes, os tornam difíceis para os países da região patrocinarem e projetarem sozinhos.

As grandes empresas de tecnologia estadunidenses são as principais produtoras de conteúdo e financiadoras dos cabos submarinos pelo mundo, tendo representado metade dos pedidos de tráfego mundial no ano de 2016. Em setembro de 2018, foi inaugurado o SAIL (*South Atlantic Inter Link*) que liga a cidade de Fortaleza, no nordeste do Brasil, a Kribi, no Camarões. Espera-se que outros dois projetos sejam concluídos até 2021, ligando Paquistão, África e Europa. Além da China, os Estados Unidos têm interesse em fomentar esta tecnologia na região.

Gigantes estadunidenses da tecnologia são os principais produtores de conteúdo e financiadores dos cabos submarinos pelo mundo, tendo representado metade dos pedidos de tráfego mundial no ano de 2016.

Estima-se que a *Google* inaugure sua linha no continente em 2020, chamado de Equiano. Contudo, ainda sentem dificuldades em investir na África por não haver grandes empresas locais para cooperação.

Investimentos deste tipo não se restringem à economia. A proteção da comunicação é um interesse latente, já que a espionagem é um risco. Os africanos se tornam vulneráveis às grandes potências investidoras, pois o elaborador dos sistemas de comunicações submarinos controla a informação. Deveria haver, portanto, um movimento para construção de seus próprios sistemas, o que faria estas nações mais fortes e independentes.



Desde o início do governo Zuma na África do Sul, em 2009, o país tem vivido diversos períodos de dificuldade econômica, ocasionando as três primeiras recessões pós-Apartheid. Atualmente, sob a liderança de Cyril Ramaphosa, o país experimenta um momento de forte retração econômica, deterioração das finanças públicas e uma taxa de desemprego que beira 30%. Segundo o departamento de estatística da África do Sul, o PIB contraiu 1,4% no último trimestre de 2019 e 7 dos 10 principais setores do país encolheram. Apenas os setores financeiro (2,7%), de mineração (1,8%) e o de serviços (0,7%) tiveram crescimento.

Aliado aos diversos problemas políticos e sociais, o grande impulsionador deste cenário de retração na economia mais industrializada da África tem sido a ineficácia da *Eskom*, estatal responsável pela produção e distribuição de 90% da energia do país, em fornecer luz para áreas residências e industriais, provocando assim, uma série de apagões que tem impactado profundamente a capacidade produtiva dos principais setores industriais sul-africanos. Ademais, a *Eskom* tem sobrevivido nos últimos 10 anos sob a má gestão e vários casos de corrupção ligados ao alto escalão do CNA (Congresso Nacional Africano), partido governista, que hoje se refletem em forma de perda de força produtiva por meio

do fechamento de usinas e dívidas exorbitantes que prejudicam os cofres do país.

Em consonância com o cenário mundial, a economia sul-africana também será gravemente impactada pela pandemia de COVID-19. Em 16 de março, Ramaphosa decretou estado de desastre nacional, na tentativa de criar respostas rápidas e coordenadas para atenuar a transmissão do vírus, tendo em vista que atualmente é o país da África com o maior número de infectados pela doença.

Além disso, o país tem um fator complicador em questão de gestão da saúde pública, pois possui um grande número de pessoas com doenças imuno-debilitantes como a tuberculose (450.000 pessoas contraem anualmente) e a AIDS (cerca de 7,7 milhões de infectados), sendo esses considerados grupos de risco da COVID-19. Desta forma, se Ramaphosa encontrava dificuldades em articular os setores do país de maneira efetiva para robustecer a economia sul-africana, seu desafio será intensificado com o aumento de número de casos de COVID-19 no território nacional e com a implantação de medidas de isolamento social que, consequentemente, contribuirão para a retração econômica do país.

## EUROPA

### Itália e Espanha sofrem enquanto a União Europeia vacila

Nathália do Vale

"É a crise mais difícil por que passamos desde o pós-guerra". Foi como o primeiro ministro italiano Giuseppe Conte descreveu a situação do país, ao anunciar o fechamento de comércios não essenciais diante da crise de COVID-19. Até o momento, a Itália conta com mais de 100 mil casos e cerca de 12 mil mortes, sendo o país mais afetado da Europa. Com projeções iniciais de 0,4% de crescimento em 2020, a terceira maior economia da zona do euro pode enfrentar sua quarta recessão em uma década e uma contração econômica de até 2%, em um país cujo setor turístico é responsável por 6% do PIB. Igualmente crítica é a situação da Espanha, segundo país mais afetado, com 94 mil casos e 8.000 mortes.

Criticada pela incapacidade de socorrer a Itália no início, a União Europeia (UE) busca fazer-se presente em um cenário onde a urgência leva os Estados a agirem cada vez mais unilateralmente. Enquanto o Banco Central Europeu anunciou ajuda de € 870 milhões aos países da zona do euro e o relaxamento das restrições orçamentárias, e a Comissão Europeia proibiu restrições à venda e à exportação de equipamentos de proteção, como haviam feito Alemanha e França, nenhuma grande

medida a nível intergovernamental foi anunciada. As quarentenas obrigatórias vão de encontro aos princípios de livre circulação do bloco e sua manutenção no longo prazo põe dúvidas sobre a viabilidade da tão idealizada Europa soberana do presidente Emmanuel Macron. Diante das projeções de recessão econômica global e das incertezas futuras da pandemia, é difícil imaginar uma saída para a crise econômica subsequente que não passe por uma articulação conjunta dos membros do bloco, ainda que a experiência recente possa levar a uma maior centralidade do papel do Estado-Nação na UE.

Por outro lado, para a Defesa, além do cancelamento de exercícios militares conjuntos e do emprego de forças para o controle da quarentena e ajuda médica, o principal efeito pode ser financeiro: justificar aumentos de gastos ficará mais difícil, em face de uma crise de saúde pública sem precedentes, aliada à recessão econômica. Certamente veremos também o questionamento da relevância da OTAN, que teve sua "morte cerebral" decretada por Macron em 2019. Conciliar cooperação e autonomia será o principal desafio europeu no pós-pandemia.

A pirataria no Estreito de Ormuz e as implicações para o mercado global

Ana Luiza Colares

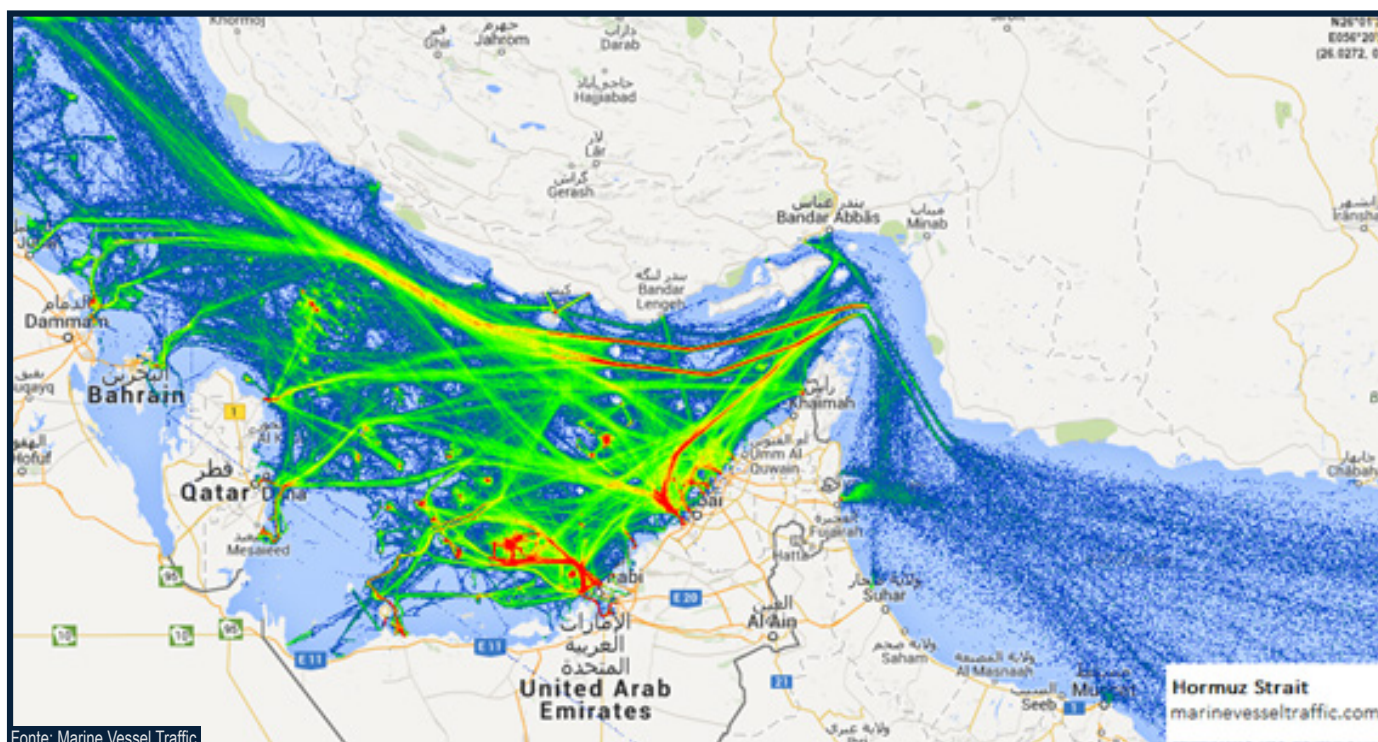
O comércio através do Estreito de Ormuz é historicamente permeado por disputas enraizadas em interesses políticos e econômicos. A insegurança regional gera instabilidade nas rotas marítimas comerciais que circundam a Península Arábica, causando ameaças ao comércio global de petróleo, principalmente no Estreito de Ormuz, por onde transita diariamente 35% do petróleo e um terço do gás natural liquefeito (GNL) mundiais. Ao considerar as características regionais supracitadas, uma problemática é abordada como fator determinante para essa insegurança: a pirataria.

Um recente estudo divulgado pela *Duke University* analisou as implicações da pirataria no Estreito de Ormuz contra navios-tanque e seus efeitos para os países do Golfo Pérsico, principalmente no que tange à exportação de combustíveis fósseis. Devido ao aumento dos casos de pirataria na região e a crescente insegurança marítima frente aos conflitos, observa-se uma ampliação dos gastos em segurança no transporte internacional e a consequente redução, em média, de 7,5 embarcações por ano, que permanece até dois anos após cada ataque.

O estudo afirma que o impacto da pirataria afeta diferentemente os países exportadores de petróleo bruto e petróleo refinado (RPP, sigla em inglês para *refined*

*petroleum products*). No primeiro caso, países como Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos não são tão afetados, devido à alta concentração da produção global na região e à baixa elasticidade preço-demanda por petróleo bruto. Nesse sentido, um aumento de custos com segurança no transporte não tem impactos tão significativos na demanda quanto no caso de RPP. Este, por sua vez, é comercializado de forma mais competitiva entre os mercados, dada a existência de mais de 700 refinarias globalmente, o que o torna mais sensível a aumentos de custo. Os impactos sobre economias como Bahrein e Kuwait, cujas exportações de RPP compõem uma grande fração de seu PIB, são muito maiores.

Contudo, além da instabilidade das rotas comerciais, outro fator ameaça as exportações de países exportadores de petróleo, a COVID-19, que gerou uma queda da demanda de aproximadamente 90.000 barris por dia em relação à 2019. Além da queda vertiginosa nos preços do barril do petróleo, resta saber como as economias do petróleo no Oriente Médio serão afetadas pela crise que assola, dentre diversos países, as maiores economias globais e, conseqüentemente, os principais importadores da commodity.



## A agonizante posição do Iraque frente às agressões entre EUA e Irã

Pedro Albit

No dia 11 de março, bombardeios atingiram a base de *Camp Taji*, no Iraque, matando um soldado britânico e dois estadunidenses. Como resposta, no dia seguinte os Estados Unidos bombardearam posições do grupo *Kata'ib Hezbollah*, milícia iraquiana patrocinada pelo Irã. Os ataques a bases em território iraquiano se repetem desde janeiro, quando o Irã retaliou os EUA pelo assassinato do General Qasem Soleimani.

Esta sucessão de ataques evidencia a fragilidade do território iraquiano frente a esta disputa. Em 2019, houve sucessivas manifestações populares pedindo pelo fim da ingerência externa no país, tanto dos EUA quanto do Irã. Após o assassinato de Soleimani, o Parlamento iraquiano votou pela retirada de tropas estrangeiras do país, o que foi negado pelo presidente norte-americano Donald Trump. Entretanto, enquanto EUA e Irã evitam um combate direto, o Iraque sofre por estar no meio desta disputa e por contar com grande heterogeneidade religiosa e populacional – o país é dividido entre xiitas, sunitas e curdos -, motivo pelo qual há apoiadores da presença norte-americana e também iraniana.

Além da violência causada por uma disfarçada guerra por procuração, a pandemia de COVID-19 também tem seu papel no xadrez entre EUA e Irã e a agonia do Iraque. Com medo que o forte impacto do vírus no Irã se espalhe da mesma forma pelo Oriente Médio, em 20 de março foi anunciada a retirada de tropas norte-americanas da base no Iraque perto da fronteira com a Síria, e também há a expectativa de que nas próximas semanas sejam retiradas tropas de mais duas bases.

Nota-se, portanto, um possível aproveitamento da pandemia como estratégia no conflito, já que o Irã é um dos países com maior número de casos, e os EUA não retiraram as sanções econômicas ao país, o que pode ser visto como uma estratégia para enfraquecer o regime islâmico. Mesmo que os EUA deixem totalmente o Iraque, não há garantia de estabilidade no país, já que o Irã permanecerá com a estratégia de manter a sua influência, a fim de fortalecer o eixo *Hezbollah* (Líbano) – Síria – Iraque – Irã, contrariando os interesses de sunitas e curdos.

## RÚSSIA & Ex-URSS

### Bangladesh e a cooperação nuclear com a Rússia

Pedro Martins

No dia 22 de março, o governo de Bangladesh assinou com a *Rosatom* - agência nuclear da Rússia - uma série de acordos que facilitam a construção da usina nuclear de Roopur. O acordo bilateral para a criação desta usina foi originalmente assinado em 2011, com o contrato oficial de US\$ 12,5 bilhões firmado em 2015. Além deste, a Rússia tem acordos de construção de usinas nucleares com o Egito, Turquia, dentre outros, segundo informações da *Rosatom*.

Bangladesh é um pequeno país no Sul da Ásia situado entre China e Índia, com uma população estimada em 100 milhões de habitantes. Segundo dados do Banco Mundial, o país tem crescido a uma taxa de 6,5% ao ano e, por isso, a pobreza extrema do país caiu de 44,2% em 1991 para 14,8% nos anos de 2016-2017. Por esta razão, este processo de crescimento socioeconômico tem provocado crises energéticas no país, aumentando a demanda por novas fontes de energia. Por conseguinte, o país tem buscado se desenvolver neste setor, reduzindo sua dependência do petróleo. Por seu turno, a Rússia está aproveitando uma oportunidade comercial e geopolítica de peso. Comercialmente, o acordo nuclear

com Bangladesh é mais uma fonte de recursos para o país, que ainda sofre com as sanções ocidentais em razão dos eventos da Ucrânia em 2014, bem como é um esforço de diminuir a dependência da economia russa das exportações de petróleo.

Durante a Guerra Fria, o setor nuclear soviético (agora russo) se desenvolveu intensamente por causa da corrida armamentista com os EUA. No pós-Guerra Fria, essa *expertise* no setor nuclear tem sido uma fonte de recursos para o país. Dado que Bangladesh fica situado entre duas potências - China e Índia -, tal posição apresenta importância geopolítica para esse contrato comercial com a Rússia.

Com isso, percebe-se que as relações comerciais e econômicas estão, muitas vezes, imbuídas de considerações geopolíticas, tornando difícil a separação entre esses dois aspectos. Mais do que isso, a aproximação da Rússia com Bangladesh mostra como essa interdependência de interesses comerciais e geopolíticos pode ser usada em um projeto de desenvolvimento nacional.

## O setor espacial russo em 2020: desafios comerciais e potencial estratégico

Pérsio Glória de Paula

No dia 21 de março de 2020, a agência espacial russa (*Roscosmos*) realizou com sucesso o lançamento de um foguete *Soyuz-2.1b*, com mais de 30 satélites da companhia *OneWeb*, a partir do Cosmódromo de Baikonur, no Cazaquistão. Esse foi o quarto lançamento realizado pela agência russa em 2020 e demonstra o potencial comercial e a importância do setor espacial para economia do país.

Entretanto, a fatia russa no mercado mundial de lançamentos diminuiu consideravelmente nos últimos cinco anos. Esta queda na participação resulta tanto da ascensão de companhias privadas de lançamento, especialmente as estadunidenses, como a *SpaceX*, quanto do aumento das atividades e da autonomia de outros atores que antes eram clientes russos, como a China. Essa situação tem prejudicado os projetos espaciais civis da Rússia, cujo orçamento geralmente é vinculado à atuação comercial da *Roscosmos* e de suas subsidiárias. Apesar disso, o país busca formas de reinserção e inovação para o setor, como a construção de um novo centro de lançamentos na região do Amur, o *Vostochny*, e a criação de novas famílias de foguetes. Entre elas o *Soyuz-5*, que deverá substituir os *Soyuz-2*, e os foguetes superpesados

*Angara-5*, que substituíram os problemáticos foguetes pesados *Proton*.

Outro fator que pode beneficiar a competitividade russa no setor civil é a crescente importância militar das atividades espaciais. Isso se deve à saída dos Estados Unidos do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (Tratado INF, sigla em inglês) e à criação da *United States Space Force* (USSF). As autoridades russas já antecipam uma maior militarização da área, e uma eventual resposta do Kremlin provavelmente acarretará na mobilização do setor civil. Além disso, já são discutidas as possibilidades de reaproveitamento de mísseis balísticos intercontinentais (ICBM) descomissionados como veículos lançadores de satélites, a exemplo do *R-36M2 “Voevoda”* (*SS-18 “Satan”*), e a possível utilização de novas tecnologias de mísseis militares no ramo civil de foguetes nos próximos anos.

Essas abordagens poderiam dar novo impulso à competitividade tecnológica da indústria. O país anunciou também que pretende lançar dois *Angara-5* ainda em 2020. Todavia, o segmento, bem como a economia no geral, não espera bons resultados para este ano, devido aos efeitos negativos da pandemia do Coronavírus.

## LESTE ASIÁTICO

### Lançamento do contratorpedeiro SS Maya e a indústria bélica japonesa

João Pedro Grilo

No dia 19 de março, ocorreu na cidade de Yokohama o comissionamento do primeiro contratorpedeiro da classe *Maya*, versão aprimorada da classe *Atago*, que passará a integrar o Primeiro Esquadrão de Escoltas da Marinha japonesa, sediada na base de Yokosuka. Em função da pandemia do COVID-19, o evento ocorreu à portas fechadas, sendo acompanhado apenas pelo ministro da Defesa, Taro Kono, e poucos convidados.

Esta classe, que em 2021 contará com uma segunda unidade, o *SS Haguro*, vem equipada com o novo sistema de defesa antimíssil *Aegis Combat System Baseline 9* (conhecido como *J7* no Japão), capacitando o navio a realizar ações antimísseis e de defesa aérea simultaneamente. Outra novidade do sistema é a utilização do novo interceptador de mísseis balísticos *Standard Missile-3 IIA*, fruto de uma cooperação tecnológica entre Japão e Estados Unidos, que permite o abate de alvos a curta e média distâncias. Por fim, destaca-se a utilização da rede de sensores norte-americana chamada *Cooperative Engagement Capability* (CEC), que permite que embarcações e aeronaves com esse sistema possam compartilhar dados de vigilância e direcionamento de alvos.

Frente ao rápido aumento das tensões regionais, do avanço tecnológico de rivais como China e Coreia do Norte, e das recentes pressões sofridas pela administração do presidente Donald Trump, os gastos militares japoneses têm aumentado em ritmo crescente desde a volta de Abe ao poder em 2012, podendo alcançar o valor recorde de US\$ 48.6 bilhões, caso a proposta do governo seja aprovada no Parlamento. O aumento das despesas na área de defesa em consonância com a criação de uma política coerente para o desenvolvimento de tecnologias militares, manifestada com a criação do *Acquisition, Technology and Logistics Agency* (ATLA) em 2015, vem aquecendo o mercado bélico nipônico. Dentro desse segmento é interessante ressaltar o desenvolvimento da indústria doméstica, fruto do aumento de investimentos na área de pesquisa e desenvolvimento e da intensificação de programas de cooperação tecnológica com outros países, cujo resultado é a capacidade de produzir embarcações como o contratorpedeiro classe *Maya*. Apesar desse progresso, acredita-se que o país ainda continue dependente da tecnologia norte-americana em razão das atuais tensões regionais, que necessitam de respostas rápidas, e do alto custo produtivo nacional.

## Exercícios de guerra antissubmarino no Mar do Sul da China

Vinicius de Almeida Costa

O Mar do Sul da China é uma área de intensa disputa internacional e, por isso, apresenta intensa atividade militar. O episódio mais recente de tal atividade consistiu numa série de exercícios aeronavais desenvolvidos pela *PLA Navy* (Marinha do Exército de Libertação Popular) nas águas da região, ocorrido na primeira semana do mês de março de 2020.

Os exercícios aeronavais chineses consistiram no emprego de duas aeronaves de patrulha antissubmarino. Tais aeronaves de patrulha desenvolveram uma série de manobras de detecção, caça e combate à presença de submarinos na região, buscando aprimorar o adestramento de militares e de meios aeronavais.

O exercício chinês acontece imediatamente após outra série de manobras militares, desta vez, desenvolvidas pela *US Navy* (Marinha dos Estados Unidos) uma semana antes. Na ocasião, os componentes militares que Washington desdobrou para a região - o *Theodore Roosevelt Carrier Strike Group* (Grupo de Ataque do Navio-aeródromo *Theodore Roosevelt*), o *America Expeditionary Strike Group* (Grupo de Ataque Expedicionário do Navio de Assalto Anfíbio America) e o *31st Marine Expeditionary Unit* (Unidade Expedicionária Marítima do Corpo de Fuzileiros Navais

dos Estados Unidos) - desenvolveram exercícios de assalto anfíbio de grande envergadura nas imediações do Mar do Sul da China, que causaram intensos protestos por parte de Pequim. Além deste exercício, no mês anterior, outro episódio que gerou atritos entre estas duas nações foi a acusação e protesto de Washington quanto ao uso de um laser por um contratorpedeiro chinês contra uma aeronave de patrulha estadunidense nas proximidades de Guam.

Diante desta crescente atividade militar no Mar do Sul da China, fica clara, a importância do submarino na estratégia marítima chinesa para a região. O Mar do Sul da China é uma região de intenso trânsito comercial, é raso e repleto de ilhas, sendo um espaço propício para o emprego de submarinos convencionais diesel-elétricos. Sendo assim, é imperativo que a China domine a Guerra Submarina (melhor e talvez a única forma de opor-se a um *Strike Group* norte-americano), ao mesmo tempo em que precisa aprimorar-se na Guerra Antissubmarina para se defender de ameaças submarinas de nações oponentes, sobretudo o Japão, que dispõe de numerosos e modernos submarinos diesel-elétricos, e garantir seus interesses na região.

## SUL DA ÁSIA

### Índia e França realizam exercício naval conjunto no Oceano Índico

Rebeca Leite

Em fevereiro de 2020, Índia e França realizaram, pela primeira vez, uma patrulha naval conjunta na região da ilha de La Réunion, um território ultramarino francês no Oceano Índico. Sob a ótica da estratégia “*Neighbourhood First*”, esta iniciativa é um desdobramento das atividades chamadas Patrulhas Coordenadas (CORPAT, em inglês), que buscam uma cooperação marítima ampliada. O objetivo primordial das CORPAT é assegurar as prerrogativas da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (UNCLOS, em inglês). Neste âmbito, a Marinha indiana empreende, ainda, outros exercícios de vigilância conjunta, restritos à sua Zona Econômica Exclusiva (ZEE), com as Ilhas Maldivas, Seychelles e Maurício.

Até então, a Índia realizava as CORPAT apenas com Estados vizinhos. Dado isso, no que se refere à projeção marítima indiana, esta atividade inédita revela o interesse de Nova Délhi em estreitar laços com parceiros que possam facilitar sua expansão no Oceano Índico e no Indo-Pacífico, sobretudo no trecho entre a costa leste

africana e o Estreito de Malaca. Assim, a França é vista como o parceiro ideal, uma vez que esta relação vem amadurecendo ao longo dos anos, principalmente no setor de Defesa. Cabe mencionar que a Índia está construindo submarinos convencionais da classe *Scorpène* francesa.

Por outro lado, esta interação também aborda a preocupação com a crescente presença chinesa na costa oriental africana. Entre Índia e França há a visão compartilhada em garantir a liberdade de navegação e a segurança das linhas de comunicação marítima, conforme colocado pela UNCLOS. Por isso, ao passo que a China envia submarinos nucleares à costa africana, ambos os países reiteram a necessidade de salvaguardar os princípios supracitados.

Esta “nova” visão da Índia para o Oceano Índico, ou seja, buscando o multilateralismo para atingir metas de segurança marítima em detrimento da antiga abordagem que criticava qualquer potência extrarregional na região, demonstra uma posição mais pragmática em relação à segurança de seu espaço marítimo, bem como de usar

de parceiros estratégicos para alcançar novos espaços e fortalecer suas capacidades marítimas. Portanto, a parceria com a França aponta para o interesse da Índia em expandir sua presença no Oceano Índico, bem como

realizar exercícios que vislumbram o fortalecimento da sua Marinha, em parceria com países que possuem visões semelhantes no ambiente marítimo.



## SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

### Indonésia e o futuro energético sustentável

Thayná Fernandes

No início do mês de março, o governo indonésio anunciou seu objetivo de dobrar a produção de gás natural até 2030, chegando à marca de 12.300 pés cúbicos diários, por meio de projetos de construção de gasodutos. Essa notícia foi veiculada logo após a descoberta de duas grandes reservas do combustível, fato que vai de encontro com o propósito de Jacarta de se tornar o principal produtor mundial de gás natural, título que atualmente pertence à Austrália.

A exploração de hidrocarbonetos em território indonésio data de 1885, quando houve a primeira descoberta comercial de reservas de petróleo. O país foi membro da Organização dos Países Exportadores

de Petróleo (OPEP), é o maior exportador de gás natural do Sudeste Asiático, o quarto maior exportador mundial de carvão e é um dos grandes produtores de biocombustíveis. Em 2006, foi lançada a Política Nacional de Energia, estabelecendo que até 2025 a diversificação ideal de matrizes energéticas seja de menos de 20% de óleo, mais de 30% de gás, mais de 33% de carvão e, respectivamente, mais de 5% de biocombustíveis, fontes geotérmicas e outras fontes renováveis, além de 2% de carvão liquefeito.

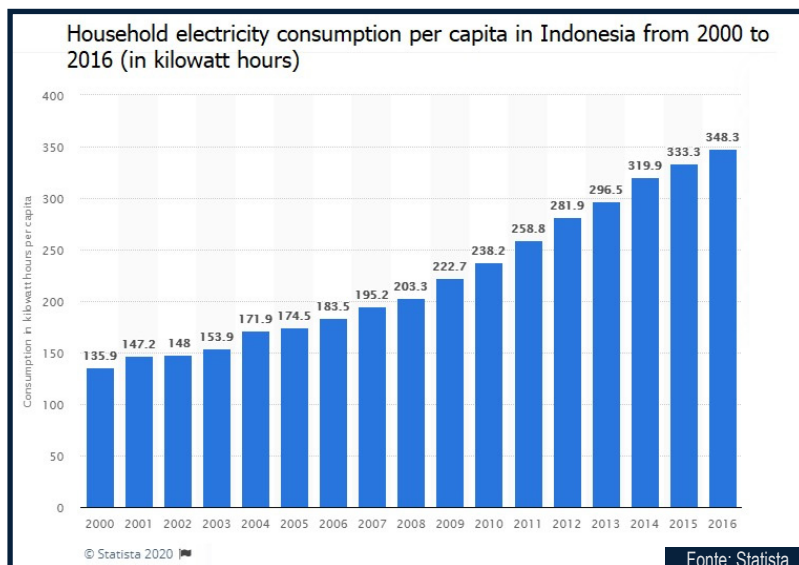
Nos últimos anos, os principais investimentos foram realizados nos setores de óleo e gás. Contudo, com os impactos da crise financeira de 2009, a competição »

do gás de xisto e a recente decisão do Japão de reabrir suas usinas nucleares, o setor de óleo e gás do país vem sofrendo dificuldades para atrair investimentos externos.

Com a quarta maior população mundial e com a crescente demanda por energia, principalmente nas áreas residenciais, o Estado vem se empenhando em diversificar sua matriz energética. Um exemplo é o recém-lançado plano “B30”, com a produção de biodiesel de óleo de palma, que diminuirá em cerca de US\$ 4,5 bilhões as

importações de combustíveis fósseis, o que demonstra a busca em estabelecer as energias renováveis como cerne da produção no futuro e sua independência no setor.

Países que pretendem se tornar grandes líderes e referências mundiais nas matrizes energéticas, setor de crucial importância para todo o globo, caminham cada vez mais rápido rumo ao fortalecimento e estabelecimento de combustíveis e fontes de energia renováveis.



## ÁRTICO & ANTÁRTICA

### Antártica, duplamente livre e vulnerável à COVID-19

*Gabriele Hernandez*

Todos os continentes do planeta foram afetados atualmente pela pandemia de COVID-19, ou coronavírus, enfrentando o iminente colapso de seus sistemas de saúde, com exceção de um: a Antártica. O continente gelado, devido ao seu alto grau de isolamento, não registrou, até o momento, nenhum caso confirmado da doença. Confinados em estações de pesquisa esparsas ao longo de 14 milhões de quilômetros quadrados, a maioria concentrada nas regiões costeiras do continente e em pequenas ilhas, os pesquisadores e militares que habitam temporariamente a região não tiveram contato com a pandemia em seu momento mais crítico de contágio.

De outubro a fevereiro ocorre o verão antártico, época em que as estações de pesquisa estão em seu apogeu de atividade e em quantidade de pesquisadores, graças às temperaturas mais amenas e ao bom tempo. No entanto, entre março e outubro, o inverno torna as condições de vida mais extremas, algumas estações são fechadas e um número limitado de pesquisadores ficam confinados às estações de pesquisa permanentes, aquelas que funcionam o ano todo. Nem todos os países possuem condições de manter uma estação de funcionamento permanente, demandando altos custos e grande comprometimento com a pesquisa antártica.

Cerca de 1.100 pessoas trabalham na Antártica durante o inverno, divididos em 41 estações cujas pesquisas não param em nenhum momento do ano. No verão, com as 36 estações de pesquisa sazonais, o continente chega a abrigar pouco mais de 5.000 pessoas.

Apesar do isolamento, não se sabe como o vírus e, principalmente, as pessoas infectadas, se comportariam perante as baixas temperaturas, que registram uma média de  $-49^{\circ}\text{C}$  no inverno. O risco de contaminação em uma região tão remota traz consigo a falta de estrutura clínica para atender os enfermos, além do espaço limitado, no qual os pesquisadores ficam confinados dentro de pequenas estruturas metálicas equipadas para diversos tipos de pesquisa.

Um dos possíveis focos de risco é a estação de pesquisa estadunidense *McMurdo*, a maior do continente, que realizou no mês de março seu processo de troca de equipe de verão para equipe de inverno. Embora os novos moradores da base sejam monitorados em busca de sintomas da pandemia e passam por período de isolamento, eles não são propriamente testados para a doença. Mesmo desfrutando de relativa tranquilidade em relação à doença, viver no continente reforça a fragilidade e a vulnerabilidade em que seus habitantes se encontram, parte do grande esforço para se estar na Antártica.

Impactos do novo Coronavírus no comércio marítimo global

Alessandra Brito

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia do novo Coronavírus (COVID-19). A disseminação do vírus colocou o mundo inteiro em uma situação sem precedentes. Para retardar a propagação da doença e mitigar seus impactos, as viagens estão sendo restringidas e as fronteiras, fechadas. Assim, o comércio marítimo e suas atividades relacionadas vêm sendo largamente afetados, visto que os portos estão sendo fechados e os navios, proibidos de atracar. No entanto, os impactos econômicos dessas restrições precisam ser gerenciados, a fim de evitar um colapso nas linhas de suprimentos.

Cerca de 90% do volume de cargas do comércio internacional se dá pelo mar. Contudo, os tripulantes, fundamentais para a manutenção do setor, estão sendo impossibilitados de viajar para embarcar e as trocas de tripulação estão se tornando cada vez mais complexas. A Marinha Mercante possui importância vital para o comércio, principalmente durante conflitos e crises como a que o mundo está enfrentando. Durante a Segunda Guerra Mundial, a frota mercante foi chamada pelo então presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt, de “o quarto braço da defesa”, entregando tropas, suprimentos e equipamentos. A classe marítima, que por

vezes se desloca internacionalmente para os embarques, é crucial para o comércio global e para a integridade das cadeias de suprimentos.

Recentemente foi enviada uma carta aberta do setor de transporte marítimo global às agências da ONU, enfatizando a necessidade dos marítimos receberem isenções apropriadas de quaisquer restrições de viagens no trânsito relacionado aos embarques, visando a manutenção das cadeias de suprimentos marítimas em operação no mundo. O secretário-geral da Organização Marítima Internacional (IMO, sigla em inglês), Kitack Lim, divulgou uma declaração a fim de encontrar soluções para os problemas enfrentados pelo setor. De acordo com seu posicionamento, derrotar o vírus deve ser a prioridade, porém, destacando a necessidade de manutenção do comércio global de forma segura, protegida e ecologicamente correta. No cenário global de incertezas causadas pela pandemia, a imposição de restrições e entraves ao comércio marítimo e a seus atores poderia gerar consequências de larga escala à economia mundial, afetando vários países exportadores, causando desabastecimento aos países importadores e instabilidade aos preços das *commodities* e de bens dos mais variados tipos.



- ▶ [A Greater Depression?](#)  
PROJECT SYNDICATE, Nouriel Roubini
- ▶ [Merkel's moment of truth](#)  
POLITICO, Matthew Karnitschnig
- ▶ [The Thucydides' Trap: the Avoidable Destiny Between the US and China](#)  
MODERN DIPLOMACY, Yuan Jiang
- ▶ [The Great Game Of Gas](#)  
ISPI, Alberto Belladonna, Alessandro Gili
- ▶ [The Coronavirus Could Reshape Global Order](#)  
FOREIGN AFFAIRS, Kurt M. Campbell E Rush Doshi
- ▶ [The Multilateral System Still Cannot Get Its Act Together on COVID-19](#)  
CFR, Stewart M. Patrick
- ▶ [A Misguided Bid to Topple Maduro as the Virus Looms](#)  
INTERNATIONAL CRISIS GROUP
- ▶ [NATO's 30th Member, At Last: Republic of North Macedonia](#)  
STANFORD, Rose Gottemoeller

## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

### ABRIL

**12** Eleições na Macedônia do Norte

**15-16** Cúpula do Belt and Road, em Dubai

**20** Eleições no Iraque

**27** Início da Conferência de Revisão do TNP, em Nova York

### MAIO

**09** Parada militar pelo Dia da Vitória, em Moscou

**10** Eleições presidenciais na Polônia

**17** Eleições presidenciais na República Dominicana

## REFERÊNCIAS

- **Política externa argentina e o pleito de soberania ultramarina**

CHABAY, Ezequiel M. [El Gobierno endurecerá sanciones a la pesca ilegal para “acorralar” la economía kelper en Malvinas](#). El Cronista, 05 mar. 2020. Acesso em: 11 mar. 2020.

MERCOPRESS. [Falklands will have a new port in three/four years; FIG can afford the “indicative pricing”](#). Mercopress, 21 fev. 2020. Acesso em: 14 mar. 2020.

- **A recapitalização da Guarda Costeira estadunidense**

ESTADOS UNIDOS. [Small UAS for NSC acquisition reaches milestone](#). Guarda Costeira dos Estados Unidos. 18 mar. 2020. Acesso em: 26 mar. 2020.

ESTADOS UNIDOS. [Coast Guard christens ninth national security cutter](#). Guarda Costeira dos Estados Unidos. 02 mar. 2020. Acesso em: 26 mar. 2020.

- **Cabos submarinos: a comunicação como estratégia na África**

FRANÇA. [Les géants du web à la conquête de la toile africaine](#). Centro de Estudos Estratégicos da Marinha, mar. 2020. Acesso em: 19 mar. 2020.

GRIFFITHS, James. [The global internet is powered by vast undersea cables](#). But they're vulnerable. CNN, 26 jul. 2019. Acesso em: 27 mar. 2020.

- **Economia sul-africana: entre apagões, recessões e a COVID-19**

ÁFRICA DO SUL. [Economy slips into recession](#). Departamento de Estatística da África do Sul, 03 mar. 2020. Acesso em: 19 mar. 2020.

SCHNEIDER, Victoria. [Tension, fear as South Africa steps up coronavirus fight](#). Aljazeera, 18 mar. 2020. Acesso em: 20 mar. 2020.

- **Itália e Espanha sofrem enquanto a União Europeia vacila**

BURAS, Piotr. [Resilience before reinvention: the EU's role in the Covid-19 crisis](#). European Council on Foreign Relations, 24 mar. 2020. Acesso em: 26 mar. 2020.

GHIGLIONE, David; ROMEI, Valentina. [Italy faces mounting economic damage from corona virus](#). Financial Times, 12 mar. 2020. Acesso em: 27 mar. 2020.

- **A agonizante posição do Iraque frente às agressões entre EUA e Irã**

SCHMITT, Eric; NEFF-GIBBONS, Thomas. [U.S. Carries Out Retaliatory Strikes on Iranian-Backed Militia in Iraq](#). The New York Times, 12 mar. 2020. Acesso em: 28 mar. 2020.

KULLAB, S; ABDUL-ZAHRA, Q. [U.S. led coalition troops pull out of base in western Iraq](#). Military Times, 20 mar. 2020. Acesso em: 28 mar. 2020.

- **A pirataria no Estreito de Ormuz e as implicações para o mercado global**

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIA. [Global oil demand to decline in 2020 as coronavirus weighs heavily on markets](#). AIE, 09 mar. 2020. Acesso em: 26 mar. 2020.

SHEPARD, Jun; PRATSON, Lincoln. [Maritime piracy in the Strait of Hormuz and implications of energy export security](#). Energy Policy, mar. 2020. Acesso em: 27 mar. 2020.

- **Bangladesh e a cooperação nuclear com a Rússia**

[Russia and Bangladesh expand nuclear cooperation](#). Eurasia Review, 22 mar. 2020. Acesso em: 22 mar. 2020.

[Projects](#). Rosatom, 2020. Acesso em: 22 mar. 2020.

- **O setor espacial russo em 2020: desafios comerciais e potencial estratégico**

[Russia launches OneWeb satellites, despite coronavirus pandemic](#). Tass, 21 mar. 2020. Acesso em: 28 mar. 2020.

[20 space industry predictions for 2020](#). Space News, 26 fev. 2020. Acesso em: 28 mar. 2020.

- **Lançamento do contratorpedeiro SS Maya e a indústria bélica japonesa**

TAKAHASHI, Kosuke. [Japan commissions first Maya-Class missile destroyer](#). Jane's Defense Weekly, 19 mar. 2020. Acesso em: 24 mar. 2020.

BOSACK, Michael. [What to make of the record defense budget](#). Japan Times, 2020. Acesso em: 25 mar. 2020.

- **Exercícios de guerra antissubmarino no Mar do Sul da China**

PATTERSON, James. [South China Sea Tensions: China Ups the Ante With Anti-Submarine Air Drills](#). International Business Times, 23 mar. 2020. Acesso em: 28 mar. 2020.

NG, Teddy. [Chinese naval planes conduct anti-submarine drills in South China Sea](#). South China Morning Post, 21 mar. 2020. Acesso em: 28 mar. 2020.

- **Índia e França realizam exercício naval conjunto no Oceano Índico**

PERI, Dinakar. [In a first, India, France conduct joint patrols from Reunion Island](#). The Hindu, 21 mar. 2020. Acesso em: 26 mar. 2020.

RAJAGOPALAN, Rajeswari P. [What's Behind the Rising India-France Maritime Activity in the Indo-Pacific?](#). The Diplomat, 26 mar. 2020.

Acesso em: 27 mar. 2020.

- **Indonésia e o futuro energético sustentável**

HARSONO, Norman. [Indonesia aims to double gas production by 2030 with major projects in pipeline](#). The Jakarta Post, 09 mar. 2020. Acesso em: 11 mar. 2020.

INDONESIA, P. W. C. [Oil and Gas in Indonesia: Investment and Taxation Guide](#). Price Waterhouse e Coopers, set. 2019. Acesso em: 12 mar. 2020

- **Antártica, duplamente livre e vulnerável à COVID-19**

MELLEN, Ruby; PITRELLI, Stefano; TAYLOR, Adam. [One continent remains untouched by the coronavirus: Antarctica](#). The Washington Post, 24 mar. 2020. Acesso em: 28 mar. 2020.

TORRES, Ella. [What life is like on Antarctica, the only continent without a case of coronavirus](#). ABC News, 20 mar. 2020. Acesso em: 28 mar. 2020.

- **Impactos do novo Coronavírus no comércio marítimo global**

ONU. [Short-term effects of the coronavirus outbreak: what does the shipping data say?](#). Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), 04 mar. 2020. Acesso em: 29 mar. 2020.

ADAMOPOULOS, Anastassios. [Seafarers must be exempt from travel bans, say ICS and ITF](#). Lloyd'slist Maritime Intelligence Informa, 19 mar. 2020. Acesso em: 28 mar. 2020.

O mapa intitulado “10 Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa baseiam-se na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, os mesmos são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco, sendo eles: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de

tensões.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) à respeito da COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa a parte, com os 10 países com maior número de infectados, de acordo com o último boletim da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho e laranja de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados 10 principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

### ▶ ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [War-torn Yemen at a 'critical juncture', warns UN](#). Al Jazeera, 07 mar. 2020. Acesso em: 16 mar. 2020.

- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Libya conflict: Heavy shelling around Tripoli's Mitiga airport](#). Al Jazeera, 28 fev. 2020. Acesso em: 16 mar. 2020.

- SÍRIA — Nova ofensiva de Bashar al-Assad: [With cease-fire in place, Syrians return for belongings, but not to stay](#). The New York Times, 16 mar. 2020. Acesso em: 16 mar. 2020.

### ▶ MÉDIO RISCO:

- VENEZUELA — Crise estrutural: [Venezuela, already in crisis, reports 1st coronavirus cases](#). ABC News, 14 mar. 2020. Acesso em: 16 mar. 2020.

- GOLFO DA GUINÉ — Aumento da pirataria: [Who will help solve Africa's piracy problem in the Gulf of Guinea?](#) DW, 14 fev. 2020. Acesso em: 16 mar. 2020.

- UCRÂNIA — Impasse sobre a Crimeia e Donbass: [Zelensky's ultimatums likely to only alienate Donbass, says Russian MP](#). TASS, 07 mar. 2020. Acesso em: 15 mar. 2020.

- IRAQUE — Tensões entre EUA e Irã: [Iran and US preparing for new round of conflict in Iraq](#). The Jerusalem Post, 28 mar. 2020. Acesso em: 31 mar. 2020.

- AFGANISTÃO — Incertezas no processo de paz: [Are the Taliban Serious about Peace Negotiations?](#). International Crisis Group, 30 mar. 2020. Acesso em: 31 mar. 2020.

- LÍBANO — Crescente instabilidade política: [For Lebanon, coronavirus is a crisis in a crisis](#). Middle East Eye, 14 mar, 2020. Acesso em: 31 mar. 2020.

- COREIA DO NORTE — Novos testes de mísseis balísticos: [North Korea Launches Two Short-Range Ballistic Missiles](#). The New York Times, 28 mar. 2020. Acesso em: 31 mar. 2020.